

A Sangrenta Luta no Seridó



Expedito F. Silva

boas vezes este teu sorriso
merece uma galhardia
Queria em toda hora
no Botequim da poesia
declamar e escrever
com a tua suprema

Exedito F. Silva

Out 13-12-81

A SANGRENTA LUTA NO SERIDÓ

Exedito F. Silva ("O Poeta do Povo")

Quando no Brasil havia
fazendeiros potentados
a vida era mais difícil
para os escravizados
cada um tinha o seu dono
cada patrão seus criados.

Coronéis tinha de sobra
neste País brasileiro
a patente se comprava
por qualquer soma em dinheiro
e o pobre do escravo
não parava o dia inteiro.

Achei por bem escrever
este episódio brutal
passado no Seridó
uma história real
com ela a sangrenta luta
o leitor verá no final.

Havia muita injustiça
por parte de fazendeiro
a fama já estampava
nos jornais do mundo inteiro
e culpavam Lampião
por ele ser cangaceiro.

No jardim do Seridó
antigamente habitava
o Coronel Quinca Saldanha
todo mundo lhe odiava
número um no gatilho
por qualquer quiça matava.

Protetor de criminoso
falava em qualquer lugar
"se um escravo mentir
sem provas pra confirmar
eu solto uma cascavel
e faço ele pegar".

Comprava toda polícia
dinheiro nele sobrava
da mesma forma que ria
do mesmo jeito matava
assim viveu muitos anos
matando e ninguém falava.

Batizado e casamento
só se fazia escondido
porque se ele soubesse
estava tudo perdido
o padre deixava a igreja
saía doido varrido.

O juiz e o promotor
até mesmo o delegado
não queria nem por sonho
falar com este danado
porque já sabia a fama
deste coronel malvado.

Lampião sempre passava
perto da sua fazenda
chegava logo saía
era uma luta tremenda
portanto que lampião
perdia em toda contenda.

Criava cinqüenta cobras
pra fazer perversidade
para os escravos não ter
distração nem liberdade
se um tentasse fugir
morria sem piedade.

Os escravos todo dia
beijavam a sua mão
quem não cumprisse o dever
ou por outra a obrigação
ora morto e enforcado
no quarto do casarão.

O pobre escravo sorria
na mesma hora chorava
e o laço no pescoço
de vez em quando apertava
era assim que o Saldanha
muitos escravos matava.

Tinha ele duas filhas
lindas de admirar
criadas no leite puro
de uma beleza sem par
rainhas do Seridó
ali daquele lugar.

A mais velha era um encanto
educada e muito bela
pela mão da natureza
Cupido desenhou ela
a mais nova era Ritinha
e a outra Maristela.

Deixo aqui Quinca Saldanha
fazendo perversidade
vou falar de um fazendeiro
muito amigo da verdade
honesto e trabalhador
sincero e de qualidade.

Não gostava de intrigas
sua lei era o direito
só matava um bandido
se fosse um caso sem jeito
no Jardim do Seridó
gozava grande conceito.

Seu nome era Furtunato
Bezerra da Assunção
um major muito estimado
por todo aquele sertão
nunca entrou em combate
que não ganhasse a questão.

Quando Lampião passava
na sua longa jornada
hospedava a jagunçada
ele o mandava chamar
matava um boi na fazenda
era uma festa animada.

Houve uma seca terrível
não chovia quase nada
de ano em ano caía
uma leve trovoada
com sede cavalo e boi
morria pela estrada.

Por força da natureza
o major foi obrigado
a cavar um grande açude
com um quilômetro quadrado
privando assim as ovelhas
e a passagem do gado.

Depois do açude pronto
na noite de São João
caiu um forte aguaceiro
que inundou o sertão
e os sabiáís pelo brejo
cantavam de animação.

Não demorou muito tempo
o sol ficou encarnado
voltou a seca tristonha
o sertão ficou queimado
Quinca Saldanha não tinha
água para dar ao gado.

Saldanha na mesma hora
vendo do gado o maltrato
mandou logo o seu vaqueiro
levar seu gado sem trato
beber da água e pastar
nas terras de Furtunato.

Quando Furtunato soube
ficou igual um leão
pegou a caneta e disse
"eu mato aquele ladrão"
escreveu desta maneira
vejam bem a narração.

Dizia assim a leitura
"patife corno e covarde
de abrir a minha cerca
não te dei a liberdade
se insistir outra vez
lhe mato sem piedade".

"Sou um homem respeitado
no Jardim do Seridó
quando ler esta missiva
prepare-se não venha só
que o sangue vai correr
no meio do mocotó".

"Prepare lá suas armas
e não venha com brinquedo
eu com raiva arranco a onça
da furna do arvoredó
quanto mais um coronel
chifrudo e de pé azedo".

"No mais aceite um balaço
que eu vou te dar no peito
pode vir com chifre e tudo
que eu aqui dou um jeito
pra nunca mais tua égua
gostar de um homem direito."

Com bem cuidado selou
a carta com atenção
chamou um vaqueiro e disse
"não passe o pé pela mão
leve esta carta a Saldanha
entregue àquele ladrão".

O Saldanha ao ler a carta
ficou feito um cão danado
correu chegou na cozinha
estava um negro sentado
este deu-lhe um pontapé
foi pratos pra todo lado.

A pobre vovó Lucinda
que estava na cozinha
botando lenha no fogo
e pelando uma galinha
Saldanha cortou-lhe o seio
do peito da vovozinha.

Chamou a esposa e lhe disse
"hoje eu soube de tudo
que você andou fazendo
com um coronel abiúdo
agora eu quero saber
porque eu sou um chifrudo".

Mandou matar a esposa
em um lugar bem distante
um negro na mesma hora
com a força de um gigante
saiu com ela a cavalo
matou-a no mesmo estante.

Bateu no couro chamando
400 cangaceiros
me apareceu tanto negro
armados de granadeiros
que parecia fulmigas
saindo dos fulmigueiros.

“Vamos matar um bandido
que me fez uma cilada
vamos pegá-lo dormindo
no romper da madrugada
saiu Saldanha a cavalo
acompanhando a negrada.

Furtunado já estava
deitado no tabuleiro
com mais de 300 cabras
cada qual mais carniceiro
de facão rifle e revólver
espingarda e granadeiro.

Às 5 da madrugada
o sol já se oferecendo
bala cortava o espaço
negro gritava morrendo
e o tiroteio cerrado
o dia já maicendo.

De repente um estampido
se ouviu pelo espaço
a bala passou raspando
de Saldanha o espinhaço
foi de encontro ao rochedo
quase que tira o pedaço.

Furtunato deu um tiro
na boca de um negrão
que a bala foi sair
ao lado do pulmão
lhe arrancando a garganta
bofe tripa e coração.

O sangue ensopava o chão
como guerra parecia
balas cruzavam o espaço
contra o rochedo batia
que só pipocas no fogo
na hora do meio-dia.

Na catinga só se via
o negro gritar e gemer
o sertão pegando fogo
cabra cair e morrer
bala ia e bala vinha
só Deus podia valer.

Era tantos cabras mortos
que parecia brinquedo
um negro chamado Prego
entrou no mato com medo
não sei o que fez nas calças
que morreu chupando o dedo.

Os cabras de Furtunato
eram igual a ferrabrás
tanto atiravam de frente
como atiravam por trás
quando apertava o dedo
esse não voltava mais.

Furtunato só dizia
"não mate este ladrão
eu quero pegá-lo vivo
como se pega um leão
para ele ver como eu tenho
coragem e disposição".

Saldanha o tal coronel
já estava derrotado
olhou para a arma e disse
"é triste o meu resultado
só vejo cabra morrendo
defunto pra todo lado".

Recuou com um bandido
e ficou na retaguarda
só lhe restavam 3 cabras
a munição acabada
pedindo a Deus que livrasse
das horas tristes minguadas.

No Seridó nesse dia
quem estava em casa correu
parou todo movimento
e o prefeito morreu
a polícia e o delegado
de lá desapareceu.

Os urubus rodeando
e o sol quase morrendo
o sangue no chão corria
pelos oiteiros descendo
carriça por toda parte
negro gritando e morrendo.

Nas ribanceiras se via
os veados em disparada
a siriema com medo
cantava pela malhada
à procura de carriça
corria a onça pintada.

Saldanha quando sentiu
que seu dia ia chegar
sem cabras sem munição
sem gente para atirar
deitou-se no tabuleiro
e começou a chorar.

Furtunato já sabia
que Saldanha era ligeiro
correu e pegou o cabra
deitado no tabuleiro
trouxe ele e amarrou
no tronco de um umbuzeiro.

Não é preciso falar
como Saldanha ficou
e depois dele amarrado
um osso duro apontou
na testa com meio metro
ninguém sabe quem botou.

Disse o major "seu covarde
bem que o povo dizia
vou serrar teu chifre todo
antes que perca a contia"
quanto mais ele serrava
mais chifres lhe aparecia.

Quando serrava o da testa
de lado saía tudo
era de todo tamanho
cinzento preto e cascudo
parecia um porco-espinho
os chifres deste galhudo.

De repente apareceu
sua filha Maristela
era o retrato em pessoa
de Furtunato pra ela
disse o vaqueiro "major
o senhor é a cara dela".

Maristela ajoelhou-se
junto ao pé de umbuzeiro
chorando disse "papai
o senhor é tão grosseiro
em vez de amar mamãe
ganhou um chifre primeiro".

"Minha mão sofreu tormento
bebeu taça de amargura
hoje está na eternidade
morando na terra escura
mas se vingou do senhor
que ganhou ponta tão dura".

Juntamente Furtunato
tinha os olhos verdeados
os cabelos embranquecidos
e o nariz afilado
era igual a Maristela
em um retrato falado.

Seu orgulho terminou
em um laço de cipó
morreu ali enforcado
aonde o laço deu o nó
para pagar seus pecados
no Jardim do Seridó.

E o major Furtunato
abraçou a sua filha
e perguntou por Ritinha
disse ela uma novilha
matou minha irmã querida
pra não morrer na armadilha.

Do coronel não ficou
um pra contar a história
os cabras de Furtunato
a metade teve glória
lhe restou 200 cabras
que eu guardei na memória.

Quinca Saldanha ficou
pendurado no umbuzeiro
Maristela foi morar
com o seu pai verdadeiro
com um ano de namoro
casou-se com um vaqueiro.

Esta história quem ler
fica na recordação
sai propalando a verdade
e esquece a ambição
lutando com o braço forte
vai melhorar sua sorte
acabando a escravidão.

Composto e impresso na
Imprensa Oficial do Estado
do Rio de Janeiro, à Rua
Marquês de Olinda, 29
Niterói, no ano de 1978.

LC 31194 ex. 3

S. B. B. B.
dir. 81



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação e Cultura
Departamento de Cultura
Instituto Estadual do Livro